

## As janelas quebradas da capital

Desde os anos 1960, o filósofo de Mondubim dizia que a desordem conduz, obrigatoriamente, à desordem. Esse é um tema conhecido de todos aqueles que observam as interações sociais, sobretudo, em uma cidade populosa, onde a aglomeração de pessoas tem reflexos diretos na qualidade de vida de todos indistintamente. Não duvide: as atitudes de seu vizinho ou o que é feito em bairros limítrofes ao seu, tudo possui o poder de repercutir em ações visíveis ou invisíveis na sua própria rua. E tudo será capaz de alterar, significativamente, a qualidade de vida em sua comunidade. O todo está intrinsecamente conectado, numa rede viva e dependente.

O experimento *Teoria das Janelas Quebradas*, desenvolvido pelos pesquisadores da Escola de Chicago, nos Estados Unidos, James Q. Wilson e George Kelling, demonstrou, naquela época, que um carro abandonado em um bairro de classe rica ou pobre tem mais possibilidade de ser vandalizado ou mesmo furtado, caso uma de suas janelas esteja quebrada. O mesmo ocorre em edifícios, onde as janelas ou partes dele estejam danificadas por um tempo e não passem por pronta manutenção. Logo, esse prédio começa a ser depredado, invadido, passando, em pouco tempo, a se constituir em local de moradia de desocupados, sem tetos ou de usuários de drogas.

A partir desse ponto, toda uma série de crimes passam a ocorrer, afetando não só a população que por ali circula, mas outros pontos da cidade. Exemplo desse fenômeno pôde ser confirmado no antigo Torre Palace Hotel, próximo à Torre de TV que, a partir de 2014, desencadeou uma série de acontecimentos negativos e perigosos, não só para o Setor Hoteleiro Norte, onde se localizava, mas para toda a área adjacente. A situação chegou a um crescendo que foi necessária uma estratégia de guerra para esvaziar o local, com a utilização de helicópteros e de um conjunto de forças de segurança, jamais vistas para desocupar o imóvel. Isso depois de muita reclamação, muitos crimes e prejuízos para o turismo, uma vez que a edificação está localizada no Setor Hoteleiro. A imagem de capital moderna acabava por ali.

O mesmo ocorre hoje na conhecida Cracolândia, fincada bem no centro de São Paulo, gerando problemas que nenhum governo foi capaz de sanar nesses últimos anos. O Setor Comercial Sul também tem a sua Cracolândia, sendo formada bem abaixo dos olhos das autoridades e representando um enorme prejuízo para toda essa antiga e ainda valorizada área da cidade. As W3 Norte e Sul, depois da consolidação do modelo dos shoppings fechados, foi perdendo sua importância ao longo dos anos, com muitas lojas sendo fechadas e abandonadas.

A deterioração paulatina dos edifícios nessa localidade confirma a Teoria das Janelas Quebradas, demonstrando que a falta de zelo e principalmente de fiscalização pelos órgãos encarregados desse serviço, serviram para aumentar, além da decadência física do local, um atrativo a mais para moradores de rua, viciados e criminosos de todo o tipo que trafegam nessas áreas de dia e de noite.

Nesse particular, a W3 Norte tem sofrido, sobremaneira, nas últimas décadas, tanto os efeitos da pouquíssima fiscalização pelos órgãos de segurança e vigilância, quanto dos serviços de postura e de engenharia que, simplesmente, deixaram de olhar para essa importante parte da cidade.

Outra ilustração clara e oposta à teoria da Janela Quebrada são as estações de metrô da capital. Todas impecavelmente limpas e organizadas e mantidas assim pela população que, instintivamente, é levada ao desejo de preservação.

Com o desleixo das autoridades em relação aos imóveis da W3 e entrequadras e, seguindo a Teoria das Janelas Quebradas, os proprietários dos imóveis passaram a agir e a construir seus puxadinhos à margem do que mandam os códigos de postura e de padrões urbanos, quer expandindo para as áreas públicas seus estabelecimentos comerciais, quer erguendo horripilantes terraços sobre as antigas edificações, não obedecendo questões de gabarito ou mesmo de sobrecargas.

Como resultado desse descaso há poucos dias um prédio praticamente inteiro na Quadra 713 veio abaixo. Por sorte, não provocou mortes. Agiriam corretamente as autoridades se, depois desse sinistro e de outros que vêm ocorrendo com certa frequência, mandassem demolir esses andares extras e todas essas obras ilegais, para o bem da população e para o futuro da cidade.

Seguindo o que orienta o Código de Postura Urbana, seria possível frear a decadência dessas vias de comércio. O que ninguém pode permitir, em nenhuma hipótese, é que sejam os próprios donos dessas edificações, com a omissão da fiscalização, os responsáveis diretos por esses crimes contra a cidade e o futuro dos brasilienses.

### » História de Brasília

*O governador Leonel Brizola chegou ontem pelo Viscount. No mesmo aparelho, viajou, também, o sr. Ranieri Mazzilli, que era o presidente da República à época da Campanha da Legalidade.*  
(Publicada em 6/2/1962)

# Hoje celebramos uma nova OAB-DF

» DÉLIO LINS E SILVA JR.

Presidente da Seccional do Distrito Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/DF)

Dois questões que exigiam imensos esforços para melhorar as condições de trabalho da advocacia tornaram-se ainda mais prementes com a pandemia da covid-19: o respeito às prerrogativas dos profissionais e a oferta de serviços digitais para a obtenção de documentos e para facilitar a vida de quem tem de lidar com a virtualização do Direito. Na Seccional do Distrito Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/DF), diuturnamente, perseguimos metas para mitigar esses problemas.

Assim, no próximo dia 11, Dia da Advocacia, vamos celebrar avanços e cobrar respostas aos apelos pela retomada das atividades no Poder Judiciário; pela melhoria na atenção do sistema penitenciário e pela cordialidade no atendimento policial. No ano passado, a advocacia denunciou a extrema dificuldade de acesso aos magistrados. Levantamento que realizamos identificou 145 cartórios e gabinetes nos tribunais com jurisdição no DF e nas cortes superiores que mantinham suas portas fechadas — 36% de um total de 399 serventias avaliadas pela Seccional, no período da pandemia. Oficiamos todas as instâncias e cobramos atendimento compatível com o exercício profissional. Também, atuamos junto ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ).

Recordo que propusemos e foram implantados os parlatórios virtuais, visando superar a restrição de acesso ao sistema prisional. Tivemos sucesso nessa ação, estabelecendo contato com clientes sem ensejar ou agravar a transmissão de doenças para dentro do sistema carcerário. A OAB/DF tem ido às ruas, sempre com cautela, uso de máscaras, álcool em gel, distanciamento, lutando para que a advocacia possa ter atendimento e para que os cidadãos tenham seus direitos fundamentais respeitados.

Estivemos na porta da 16ª Delegacia de Planaltina, em outubro passado, em ato de repúdio pela conduta de policiais que, em 24 de setembro, algemaram o advogado Rodrigo Santos pelas mãos e pelos pés, colocando-o em cela comum com um detento não algemado, quando ele tão somente estava ali para defender direitos de um cliente. Protocolamos representação criminal por essas agressões contra delegado e agente da Polícia Civil. Na Justiça, obtivemos o arquivamento da ação movida contra Rodrigo Santos, por crime de desacato. Provamos que isso não ocorreu.

Esse caso de Rodrigo Santos foi estardalecedor e continua vivo em nossas memórias. De lá para cá, tivemos várias outras ações e passamos a apoiar os profissionais a partir de uma nova central de prerrogativas, 24 horas. Mais



uma dificuldade extraordinária foi na regulamentação do atendimento virtual pelos juizes. Especialmente, continuamos em luta pela retomada das atividades no Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região (TRT-10), com todas as cautelas, claro, para que haja prevenção à contaminação por coronavírus. É fundamental que as autoridades se sensibilizem.

Lembro que, em novembro passado, estivemos na porta do Fórum Trabalhista, do TRT-10, debaixo de chuva, pedindo essa retomada de atividades. Mais recentemente, protocolamos junto ao CNJ um pedido de providências porque em ato normativo o TRT-10 reduziu de dez para seis horas, por dia, o horário de funcionamento e de atendimento ao público externo pelas unidades judiciárias e administrativas de 1º e 2º graus. Inaceitável! Seguimos na expectativa de que o TRT-10 ouça os pedidos e corresponda aos anseios não só da advocacia, mas da população do DF.

É importante ressaltar que a OAB/DF combate o racismo estrutural. Como ponto alto, tivemos o lançamento da campanha antirracista do último dia 13 de Maio — o Dia da Não

Abolição — iniciativa da Comissão de Igualdade Racial da Seccional. Discutimos a invisibilidade dos negros. Paralelamente a essas ações em relação ao respeito às prerrogativas, compreendemos que o desafio da tecnologia precisava ser vencido. A estrutura da OAB/DF, quando iniciamos a gestão, era atrasada. Acontecia na base de planilha de Excel para controle de informações; gestão de dados. Havia um planejamento para substituir velhas práticas. O que aconteceu, com a pandemia, foi acelerar a digitalização de documentos e o acesso remoto a serviços.

Pelo programa OAB/DF Digital, hoje, o profissional praticamente não precisa mais ir à Ordem para uma série de serviços que antes demandavam horas do seu dia! Também lançamos a Central de Apoio Virtual à Advocacia (CAVA), que descomplica a vida. Um exemplo: a advocacia não precisa mais ir ao INSS para obter a senha do “MEU INSS” para os seus clientes! Grande diferença em relação ao passado bem recente. Até o final do ano, avançaremos mais! É um compromisso de gestão. Feliz Dia da Advocacia!

## Fé e pandemia

» FRANCISCO ARAÚJO  
Escritor e palestrante

Tenho lido bastante nos últimos tempos e, entre as temáticas de maior interesse para mim, está a problemática da pandemia. Pois nunca foi tão necessário compreender os desafios destes tempos, tanto em nível individual quanto coletivo, para fazermos o necessário enfrentamento. Fé e ação, portanto, têm sido palavras de ordem para mim neste momento.

No livro *A Flecha de Apolo*, lançado no primeiro trimestre deste ano, o médico e sociólogo da Universidade de Yale, Nicholas A. Christakis, faz uma análise interessante sobre o percurso devastador da covid-19 em 2020, e cita os impactos profundos desse “inesperado evento” no nosso modo de viver, especialmente nas áreas de saúde, economia, política e cultura.

“Apesar dos avanços que fizemos na medicina, no saneamento, nas comunicações, na tecnologia e na ciência, esta pandemia é quase tão danosa quanto as do século passado. Mortes em solidão. Famílias impedidas de se despedirem de quem amam ou de realizarem as cerimônias fúnebres e as ações de luto com dignidade. Meios de subsistência destruídos e educação atrofada. Filas para o pão. Negação. Medo, tristeza e dor.”

O diagnóstico do médico me ajudou sobremaneira a ter uma visão mais profunda do que estamos vivendo em nível planetário, levando-me a crer que essa pandemia trouxe consigo uma mudança estrutural e de rearrumação quase que forçada na vida das pessoas. O grande desafio não é passar ileso e sem máculas, mas sobreviver a tudo que a vida nos oferta, nesse instante da história, sabendo extrair o máximo de aprendizado e experiência.

“É uma leitura errônea da história acreditar que, por alguma razão, a nossa época seria poupada ao fardo de ter de lidar com uma pandemia ou que outras pessoas, noutras épocas, não

enfrentaram o mesmo medo e solidão, a mesma polarização, as mesmas lutas relativamente às máscaras e ao encerramento de negócios, o mesmo apelo à cooperação e entajada comunitária. Enfrentaram”, esclarece Christakis, situando-nos não como seres à parte, mas como partes integrantes dessa história, vivendo seus ciclos e suas propostas de evolução e progresso a partir da repetição das experiências.

“As abóbodas se ajeitam quando a carruagem começa a andar”, pois é preciso seguir em frente, e não nos é possível parar o carro da vida para fazer esse reordenamento. A partir de agora, o indivíduo, a sociedade, o Brasil, e o mundo como um todo, estão sendo convidados a se rearrumar, individual e coletivamente. Escrita entre março e agosto de 2020, exatamente no período em que estive em confinamento com a família, a obra traz um diagnóstico do problema, especialmente, nos Estados Unidos da América, mas, também, faz um prognóstico dos possíveis cenários com os quais iremos nos defrontar nos próximos anos, e propõe soluções. Utilizando-se da figura mítica de Apolo, Christakis traça um paralelo entre a dualidade dos deuses e a capacidade humana de autodestruir-se e de se recompor em um movimento quase natural de autorregeneração.

“Eu tinha um enorme fascínio pela dualidade dos deuses: imortalidade e poder contrastavam com fragilidade e vício. O deus Apolo, por exemplo, era simultaneamente um curandeiro e um portador de doença”, explica o autor no prefácio da obra.

Pensando em Apolo e na sua vingança, ao contemplar as provações deste nosso século mais de três mil anos após os eventos descritos na Ilíada, o “ataque” do novo coronavírus pareceu aos olhos deste sociólogo uma ameaça novinha em folha, mas, fundamentalmente, antiga: “Esta catástrofe exigiu que confrontásse-

mos o nosso inimigo de forma moderna, recorrendo, contudo, à sabedoria do passado”.

É tudo tão complexo, eu diria, e ao mesmo tempo tão simples. Tão inusitado, mas também predito. Tão difícil de ser resolvido, mas, paradoxalmente, tudo tão ao nosso alcance. Afinal, a capacidade de transformar lágrimas em aprendizagem nos pertence.

A leitura desta obra me fez vislumbrar além da dor do momento e compreender que o ser humano já enfrentou ameaças semelhantes, ou ainda piores, no passado, mas conseguiu se reinventar e seguir em frente, ainda que só depois de grandes sofrimentos. “A forma como chegaremos a esse ponto definir-nos-á a nós e ao nosso tempo, enquanto enfrentamos esta ameaça antiga”. Passada a onda da pandemia, o mundo precisará se rearrumar, as pessoas precisam se rearrumar, individual e coletivamente.

O novo normal tão propagado pela mídia exigirá de cada família uma reorganização estrutural; e de cada pessoa, uma reorganização mental, espiritual e social. E essa reorganização nesses três níveis — mental, espiritual e social —, requer muita fé. A fé, portanto, nunca foi tão necessária quanto agora. É preciso que as pessoas introjetem este sentimento de fé para seguir andando, para tocar a vida e se ajudar mutuamente, pois muitas das coisas que foram abreviadas com a pandemia estão voltando ao presencial.

E, como avalia esse grande sociólogo dos novos tempos, “ainda há muita coisa que não sabemos — em termos biológicos, clínicos, epidemiológicos, sociais, econômicos e políticos. Em parte, tal acontece porque as nossas ações alteram o curso dos acontecimentos. E há muita coisa que só o tempo dirá, incluindo os efeitos a longo prazo da infecção na saúde e as consequências a longo prazo da nossa resposta ao contágio”.